

BATAILLE COM LACAN^{1,2}

Roland Lethier³
École Lacaniènme de Psychanalyse

O texto pesquisa a relação de Bataille com Lacan, sustentando que esses dois autores influenciaram-se mutuamente em suas obras. Trata da repercussão da obra de Freud sobre os surrealistas franceses e rastreia ressonâncias da obra de Bataille na obra de Lacan, demonstrando como essas ressonâncias são perceptíveis na sutileza de uma análise de significantes.

Descritores: Bataille, Georges. Lacan, Jacques.

Em 1920, para concluir *Além do princípio do prazer*, Freud (1972) havia indicado uma forma de prosseguir mesmo quando falta um pé. Freud citara então um fragmento de um poema de Rückert:

*Was man nicht erfliegen kann, muss man erhinken.
Die Schrift sagt, es ist keine Sünde zu hinken.*⁴

-
- ¹ Trabalho apresentado no Colóquio da instituição francesa GREC: *L'Écrit du Corps*, em 8 de dezembro de 1991 e publicado na revista *La Part de L'Oeil*, Bruxelles, Número 10, novembre 1994.
 - ² A palavra francesa bataille significa batalha. O autor irá brincar com a homofonia no texto. Optamos por preservar o nome próprio no título do texto (N. T.).
 - ³ Endereço para correspondência: 44, rue René Boulanger – 75010 – Paris, France – E-mail: roland.lethier@wanadoo.fr
 - ⁴ Ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando. A escritura diz que não é nenhum pecado claudicar.

Este título: “Bataille com Lacan” tem duas fontes que serão explicitadas, e o campo da proposição será limitado, bordejado.⁵ As bordas que limitam este campo são em número de três.

A primeira borda foi tomada de empréstimo de “Corbu,” o arquiteto revolucionário que há pouco mais de um século depois de Claude-Nicolas Ledoux veio restituir à autonomia das formas em arquitetura sua força inovadora. A propósito desta jóia formal que é a vila Savoye em Poissy, Le Corbusier propunha o seguinte modo de aproximação: “É andando, se deslocando que se pode ver se desenvolverem as ordenações da arquitetura. É um princípio contrário à arquitetura barroca que é concebida sobre o papel em torno de um ponto fixo teórico” (Kaufman, 1981).

- A primeira borda propõe portanto um percurso sem ponto teórico fixo de início.

- A segunda borda é a proposição número 7 do *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein (1988) que se enuncia assim: “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (p. 107).

Esta borda indica que este desenvolvimento será marcado pela prática da “honestá dissimulação,” prática que é a primeira qualidade do secretário escrupuloso (Acetto, 1990).

- A terceira borda pode ser ilustrada pela seguinte historieta:

“Um aluno chega em uma classe e se dá conta que todos os lugares estão ocupados, ele se encontra sem lugar e fora da classe.”

Post – intro

A *Escritura do desastre* (Blanchot, 1980) é a expressão que convém melhor para qualificar a escritura que os historiadores da literatura e

5 Borne – pedra que marcava antigamente um limite na estrada, em referência ao marco zero (N. T.).

os críticos consideram como inclassificável (não é em todo o caso a única).

Era ele filósofo, poeta, economista, escritor, antropólogo, historiador de arte ou mais banalmente bibliotecário?

Georges Bataille se qualificava, ele mesmo, de filósofo, de santo ou talvez de louco, aquele “que pensa da maneira como uma menina tira a roupa. Na extremidade de seu movimento, o pensamento é o impudor, a própria obscenidade.”

Este estatuto de inclassificável traz já em si uma ponta de subversão e, deste fato, faz apelo a um outro inclassificável para acolher sua verdade.

Este outro inclassificável é, socialmente, o nome do psicanalista devido seu justo afastamento da ordem social.

É por não fazer parte de uma ordem que o psicanalista pode acompanhar o desenvolvimento da “ordem de posições subjetivas do ser.”⁶

A primeira fonte deste título “Bataille com Lacan” se liga portanto a esta qualidade comum “de inclassificável” de Bataille e de Lacan.

A segunda fonte deste título se liga à *História da psicanálise na França*; é o título de dois volumes que trazem como subtítulo: *A batalha de cem anos*.⁷ Este subtítulo é brevemente explicitado na advertência do volume 1:

O tempo da batalha não é aquele da guerra, mas de um momento privilegiado da guerra, onde a história de uma doutrina se confunde com aquela

6 “A ordem das posições subjetivas do ser” título que Lacan tinha guardado em segredo e que ele queria dar ao seminário: *Problemas cruciais para a psicanálise*.

“A ordem das posições subjetivas do ser, que era o verdadeiro assunto, o título secreto do segundo ano de ensinamento que eu fiz aqui sob o nome de *Problemas cruciais ...*”

Sessão de 15 de novembro de 1967, estenografia mecânica.

7 Elisabeth Roudinesco, *Histoire de la psychanalyse en France I et II: La bataille de cent ans*. Paris: Ramsay, 1982 e Paris: Seuil, 1986.

de suas crises, onde as crises testemunham da implantação de uma doutrina, de derrotas ou de suas vitórias. (Roudinesco, 1982, p. 13)

Esta demonstração confunde por sua certeza retórica, mas a questão que este subtítulo coloca, com a conotação franco-inglesa e da idade média sobre a qual ele insiste, é de imediato a questão da duração, a questão desses “cem anos.”

Não existe de fato nenhuma razão para que esta batalha tenha durado apenas cem anos e tenha terminado em 1985, salvo talvez a supor que a historiadora pressentindo um fim próximo já tenha enterrado a psicanálise.

A segunda questão que traz esse subtítulo, já marcado de suspeição, concerne a introdução desse nome: batalha.⁸

Utilizando esse nome em oposição, em contraponto de *A história da psicanálise na França*, a historiadora tomou o risco de ocultar a presença desse nome nesta história e mais particularmente na freqüentação⁹ de Lacan.

A presença do substantivo comum reduz a presença do nome próprio à anedota.

Desta forma este texto se apresenta como um antídoto a esta redução à anedota.

Após a intro: o impro ...

No campo francês, os textos de Freud foram acolhidos de forma fecunda e de forma dogmática, esta última forma não será tratada aqui.

8 O autor se refere à homofonia em francês do nome Bataille e da palavra batalha.

9 Frayage- abrir uma estrada, freqüentar, estabelecer uma relação de amizade, ato da reprodução quando se trata de peixes (N. T.).

A forma fecunda se liga ao fato de que os textos de Freud não foram tomados como certos, os mais versados para a escritura, como aulas mas como o fermento, a levedura que lhes permite dar ar (respiração) à sua escritura. Eles traziam igualmente essa novidade estilística que pode ser qualificada de improvisação rigorosa (Roudinesco, 1986).¹⁰

Os surrealistas, logo entenderam aí um suporte e uma sustentação para aquilo que eles tinham a dizer (Léthier, 1993).

Georges Bataille, que não era bretão¹¹ mas simplesmente do campo ou, mais precisamente ainda, das velhas montanhas centrais, não passou ao largo dos textos de Freud que ele leu desde 1923 (ele tinha 26 anos). Ele não se precipitou em ir a Viena como Breton o fez em 1921 (Breton, 1988, p. 255), pelo contrário esta leitura precedida pela leitura de Nietzsche o treinou em uma escritura de um singular extremismo.

Falar para não dizer nada será a aposta a sustentar para aproximar a particular proximidade de Lacan com Bataille. É igualmente uma posição estrutural falar para não dizer nada, trata-se, então, de seguir um percurso, de seguir isso que foi dito e como foi dito.

*A partir de Encore*¹²

Em sua importante biografia de Georges Bataille, Surya (1987, p. 536) dá na bibliografia final a lista das obras consagradas a Georges Bataille. Ele nota a presença de Georges Bataille em: Lacan (1975a). É o único texto de Lacan que foi citado.

10 Roudinesco, E. Le surréalisme au service de la psychanalyse. In *Histoire de la psychanalyse en France II: La bataille de cent ans*. (pp. 19-49). Paris: Seuil.

11 O autor brinca aqui com a homofonia do nome próprio Breton, com o adjetivo genílico bretão.

12 *Encore*, vigésimo seminário de Lacan (1972b).

Por seu lado, Roudinesco (1986) em sua *Batalha de cem anos* cita igualmente este seminário:

Este seminário é estupendo. Ele faz sintoma do último retorno, na cena francesa, do grande Lacan barroco da maturidade romana e da visita ao Papa que não deu certo. Mas ele é também uma homenagem ao Bataille de *Madame Edwarda*, à figura absoluta do ódio e do amor a Deus. (p. 528)

Ora, é notável que no seminário *Encore*, de 1972-1973, nem Bataille nem *Madame Edwarda* (Bataille, 1971) estão citados. Pelo contrário esses dois nomes são citados em um escrito de Lacan mas isso não é notado nem por Surya nem por Roudinesco.

Bataille é encontrado lá onde ele não está e não é notado lá onde ele está.

Ao longo deste seminário *Encore* Lacan trata e retrata de um certo número de questões que se ligam a Deus, ao amor, à ética, às matemáticas, ao gozo, à letra, a Roma, ao corpo, ao nome, à desordem, à elegância ... não é o caso de resumir este seminário (não mais que um outro), assim como não é o caso de ficar no limiar de sua transcrição crítica.

No decorrer deste seminário *Encore*, no dia 20 de fevereiro de 1973, Lacan (1973) evoca um eco a fazer:

Seria, parece-me, arrogante não atravessar ou fazer eco disso que, no curso das idades, e de um pensamento se denominou – eu devo dizer impropriamente filosófico – disso que ao longo da eras, elaborou-se sobre o amor. Eu não vou fazer aqui uma revisão geral, mas penso que, tendo em vista o gênero de cabeças que eu vejo aqui reunidas, vocês devem ao menos ter ouvido falar que, do lado da filosofia, o amor de Deus neste assunto ocupou um certo lugar e que há aí um fato maciço de que ao menos lateralmente o discurso analítico não pode deixar de levar em conta.

Diante de um público que não é uma multidão convencional, Lacan não faz uma “revisão geral.”

Nesta revisão geral, que ele não faz, “disso que ao longo das eras, se elaborou sobre o amor”, Lacan deixa supor um certo número de textos e entre eles, porque não: *Madame Edwarda* (Bataille, 1971, pp. 9-31).

Este pequeno texto assinado por Pierre Angélique foi escrito em setembro – outubro de 1941 (Bataille vivia com Denise Rollin no 3, rue de Lille em Paris) e foi publicado em dezembro de 1941 pelas edições Solitaire com uma falsa data de edição: 1937. A partir de 1956, o texto foi publicado pelas edições Pauvert com um prefácio de Georges Bataille introduzido por uma citação de Hegel:¹³

“A morte é o que existe de mais terrível e manter a obra da morte é o que pede a maior força.”

Neste texto existem duas ocorrências do advérbio “ainda:”¹⁴

- quando o homem subiu ao quarto de Madame Edwarda, é notado:

- “O delírio de estar nua a possuía: esta vez ainda,¹⁵ ela separou as pernas e se abriu: a áspera nudez de nossos dois corpos nos jogava no mesmo esgotamento do coração” (p. 22).

- No momento de partir com o táxi, Madame Edwarda diz: “... ainda¹⁶ não ... que ele espera ... (Bataille, 1971, p. 28).

No seminário *Encore* nem o autor, nem o título deste texto são portanto explicitamente citados.

Bataille que era empregado pela administração francesa tinha, para evitar qualquer aborrecimento, assinado esta pequena narrativa com o nome de Pierre Angélique.

13 Em alemão, o anjo se diz: *Der Engel*, nós revelamos a proximidade homofônica com Hegel.

14 *Encore*, palavra francesa que significa ainda.

15 *Encore* em francês (nota da tradutora).

16 *idem*

Por ocasião da primeira sessão de *Encore*, no dia 21 de novembro de 1971, Lacan introduz uma decomposição do adjetivo “étrange:”¹⁷

Somente, eis aí o que se diz para aquilo que é do gozo, quando ele é sexual. O gozo é marcado de um lado por esse buraco que não lhe assegura outra via senão a do gozo fálico, será que do outro lado, algo não pode ser atingido, algo que nos diria como aquilo que até então era somente falha, abertura no gozo, seria realizado?

É isso que, coisa singular, não pode ser sugerido senão pelas coisas percebidas como muito estranhas. Estranho¹⁸ é uma palavra que pode se decompor: “o ser anjo,”¹⁹ é bem uma coisa contra a qual nos põe em guarda a alternativa de ser tão bobo quanto o periquito de agora pouco (o periquito de Picasso). Contudo, olhemos de perto isso que nos inspira a idéia que, no gozo dos corpos, o gozo sexual tem o privilégio de poder ser interrogado como sendo especificado, ao menos, por um impasse. (Lacan, 1975a)

As referências textuais que permitem ligar *Madame Edwarda* e o seminário *Encore* estão então nesta discreta referência ao anjo de Pierre Angélique, e nas duas ocorrências: “...: esta vez ainda (encore) ...” e a indicação ao chofer de taxi, “... ainda não ... que ele espera ...”

De forma provocante, nós podemos também assinalar que quando da última sessão de *Encore* de 26 de junho de 1973, Lacan fala do rato: “A gente não se pergunta absolutamente sobre aquilo que pode sustentar o ser de um rato ...,” esta história de rato não é completamente estranha a Bataille (Bataille, 1947). Em *Encore* há anjo na partida e rato no final.

Esta forma de decompor “étrange” em “être ange,” em novembro de 1972, vem um mês depois da conferência de Louvain durante a qual um moço revoltado, que implicava com a gravata de Lacan, foi nomeado por este: “É um anjo” (Lacan, 1972).

17 estranho em português.

18 étrange em francês.

19 être ange (ser anjo) decomposição da palavra francesa étrange.

Pode-se notar igualmente que em 1944, Bataille havia publicado nas edições Messages, o *Archangélique*, cuja primeira parte tinha sido publicada em 1943 sob o título *La douleur* (Duras, 1985).

Atendo-se estritamente às referências textuais é então difícil de sustentar que o seminário *Encore* é “também uma homenagem ao Bataille de *Madame Edwarda*,” tanto mais que a dama em questão não se apresenta como “a figura absoluta do ódio e do amor a Deus,” mas pior que isso, no primeiro diálogo com o homem ela diz: “Tu vê, diz ela, eu sou Deus ...” (Bataille, 1971, p. 21).

Lacan (1965) escreveu uma homenagem (pp. 7-15), ele a faz a Marguerite Duras, aquela que quarenta e dois anos depois de Bataille escreveu igualmente *La douleur* (Duras, 1985).

Como então situar e nomear esta presença de Bataille no *Encore*? As referências textuais que pudemos salientar levariam a falar de piscada de olho, deste gênero de pequeno signo, de pequena marca que utilizam aqueles que estão em uma certa cumplicidade.

Isto não é verdadeiramente a presença de um código estabelecido nas mensagens, é discretamente pequenas coisas intimamente partilhadas que se manifestam por pequenas pinceladas, por certos tiques de linguagem que deixam aqueles que não estão na jogada um pouco perplexos.

Os outros sentem bem que se passa alguma coisa que lhes escapa, sem poder nomear.

Estas pequenas astúcias languageiras, sublinhando a cumplicidade, portam em si esta mensagem justa, um pouco irritante para o meio, e que Lapointe (1970) formulou pertinentemente:

Eu digo que o amor,
Mesmo sem amor,
É assim mesmo o amor
Compreende quem pode ou compreende quem quer!

É, portanto, no quadro de uma temática ampla, no sentido de uma vasta retrospectiva, que a obra de Bataille vem se inscrever nisto que Lacan preconiza não menosprezar.

A ligação entre *Madame Edwarda* e *Encore* pode, portanto, em primeira aproximação, se escrever como textualmente discretas e dentro do quadro da ampla temática “daquilo que ao longo das eras, elaborou-se sobre o amor.”

Os textos do autor de *Histoire de l'oeil* (Bataille, 1973b, pp. 9-78) não foram comentados por Lacan durante muitos meses como foi o caso para *O Banquete* e *Hamlet*. Ele deu para eles apenas uma piscadela, dez anos (dizendo)²¹ depois da morte de seu autor. Esta simpatia, *post mortem*, atesta. Ela dá testemunho daquilo que certos humanos puderam sustentar desta posição ética que se formula assim: “amigo você é e você permanece.”

Amizade

Este laço de amizade entre Bataille e alguns outros se reencontra em colaborações a produções e em histórias de apartamentos em Paris.

- André Masson ilustrou *Histoire de l'oeil* (Bataille, 1973b), *L'anus solaire* (Bataille, 1973a), *Sacrifices* (Bataille, 1936), Giacometti e o fiel Leiris colaboram na revista *Documents* criada por Bataille em 1929.
- Em 1933 Masson e Bataille criam a revista *Minotaure* (1933), revista na qual serão publicados: *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas da experiência*, e *Motivos do crime paranóico – O crime das irmãs Papin* do doutor Jacques Lacan.

21 Dix ans (disant) – trocadilho do autor sobre a homofonia destas palavras (N. T.).

- Em 1937 com Callois, Leiris, Klossowski, Waldberg, Bataille organiza a sociedade secreta “Acéphale”²² e a revista do mesmo nome.

Eles fundaram também o Collège de Sociologie e a Société de Psychologie Collective cujo objetivo é estudar “O papel, nos fatos sociais, dos fatores psicológicos, particularmente de ordem inconsciente, ...”

- Em 1941, Bataille, que morava na casa Denise Rollin no 3, rue de Lille, avisa a Lacan que um apartamento acaba de desocupar no 5, rue de Lille, e quando em 1943, Denise Rollin deixa o apartamento do 3, depois de separar-se de Bataille, Lacan o retomou para nele alojar Sylvia Bataille, Laurence e Judith (Roudinesco, 1933, p. 221).

A relação de amizade intervém eminentemente a propósito do endereço, do lugar de moradia, um amigo não é deixado sem lugar. A relação de amizade sabe os efeitos devastadores do “não lugar” (Althusser, 1992).

No dia 17 de março de 1961 foi organizado no hotel Drouot um bazar para permitir a Bataille trabalhar “em paz.”

Arp, Bazaine, Ernst, Fautrier, Giacometti, Masson, Matta, Michaux, Miro, Picasso, Viera da Silva, Tanguy ... deram uma pintura, um desenho, uma aquarela, cuja venda permitiu a Bataille comprar um apartamento:

... no bairro mesmo onde eu quase sempre morei, rua Saint-Sulpice, que será, isso que era impensável para mim, tão agradável quanto aquele que

22 Jacques Lacan participou de inúmeras reuniões dos participantes da sociedade secreta “Acéphale,” cf: Surya (1992, p. 306).

Lacan retoma o termo “acéphale” em seu comentário do sonho de injeção de Irma, no dia 16 de março de 1955, “Existe neste sonho o reconhecimento do caráter fundamentalmente acéfalo do sujeito, passado um certo limite.”

Na seqüência dos trimestres de ensino: 1, 2, 3, no momento de passagem ao escrito, o terceiro fica excetuado: 1, 2/3, a seqüência está quebrada, o terceiro se torna o termo que falta na seqüência.

Este artigo que foi escrito num espaço de dois meses (dezembro de 1957 - janeiro de 1958) termina em uma nota que explicita a expressão empregada por Schreber:

“Deus é uma p...”

É assim que a última palavra onde “a experiência interior” de nosso século. Nos tenha entregado seu cômputo, se acha articulado com cinquenta anos de antecedência pela teodicéia²⁶ à qual Schreber expõe: “Deus é uma p ... 1” (Lacan, 1966a, p. 583)

A nota (1) da página 583 (acrescentada em 1966) é a seguinte:

Sob a forma: *Die Sonne ist eine Hure* (S. 384-APP.). O sol é para Schreber o aspecto central de Deus. A experiência interior, de que se trata aqui, é o título do trabalho central da obra de Georges Bataille. Em *Madame Edwarda*, ele descreve desta experiência a extremidade singular. (Lacan, 1966a, p. 583)

É a única referência a Georges Bataille feita por Lacan em um escrito.

Em *Madame Edwarda*, na extremidade do texto, Bataille (1971) escreve:

Minha vida não tem sentido senão na condição de que ela faça falta; que eu seja louco: compreenda quem pode, compreenda quem morre ...; assim o ser esta lá, nem sabendo porque, de frio permanece tremulo ...; a imensidão, a noite o envolveu e propositadamente, ele está lá para ...” não saber.” Mais DEUS? Que dizer dele senhores. Eloqüente, senhores Crente, Deus, ao menos, saberia ele? DEUS, se ele “soubesse,” seria um porco.

26 O termo empregado por Lacan é *Théodicée*, neologismo que junta théo – deus + odissée – odicéia. Optei por manter a tradução o mais próxima possível do termo empregado em francês (N. T.).

Bataille com Lacan

Senhor, eu rogo em minha aflição, a “meu coração,” livre-me, cegai-os! A narração, continua-la-ei?

Eu disse: “Deus, se ele “soubesse” seria um porco. Aquele que (eu supenho que ele estaria, no momento, mal lavado, “despenteado”) sustentaria a idéia até o fim, mas que teria ele de humano? Para além, e de tudo ... mais longe, e mais longe ... ELE MESMO, em êxtase acima de um vazio ... e agora? Eu TREMO. (p. 31)

O caminho que nós tomamos, a partir de *Encore*, conduz a reencontrar uma seqüência ao propósito que conclui *Madame Edwarda*.

Lá onde Bataille concluiu em 1941: ... assim o ser está lá ... para ... “não saber.”

Lacan retoma no dia 21 de novembro de 1972:

Com o tempo, eu tomei o hábito de me aperceber que afinal de contas eu podia dizer aí um pouco mais. E depois eu percebi que o que constituía meu encaminhamento era qualquer coisa da ordem do “eu não quero saber de nada disso.” (Lacan, 1972)

No ponto onde Bataille suspende seu propósito à beira da loucura, Lacan prossegue retomando a questão do “não saber” e subjetivando-a ao máximo: “eu não quero saber de nada disso,” ele recoloca em corpo aquele que rogaria pelo “meu coração.”

Continuação

Essa forma de tomar a seqüência, de restabelecer a seqüência ao ponto, “*Wo es war ...*,” onde o outro chegara a um “fim de partida” é uma prática que Bataille já havia experimentado, justamente a propósito da loucura. O paralelo com a forma pela qual Freud descartou um trabalho sobre a loucura de Nietzsche dá mais relevo ao caso.

Em 1934, Arnold Zweig, escritor e fiel amigo de Freud, tinha desde um certo tempo a intenção de empreender o romance da alienação de Nietzsche estabelecendo uma relação com Freud, ele escreveu a Freud em 28/04/1934: “Ora eu me aproximo dele há anos, neste sentido que eu reconheci em vós, pai Freud, o homem que fez tudo aquilo que este bom Fritz Nietzsche se contentou em pintar” (Freud, Zweig, & Bataille, 1979, p. 111).

Em 11 de maio de 1934, Zweig pede de novo a Freud ajuda para empreender seu trabalho. Freud, desaconselhando completamente Zweig de se lançar neste trabalho, comunica este pedido a Lou Andreas Salomé, que ele considera como a mais adequada para ser a conselheira para este propósito (Freud et al., 1979, pp. 113-115).

No dia 20 de maio de 1934, Madame Lou (Andreas-Salomé, 1985) faz a seguinte resposta a Freud, que a transmite a Zweig:

Esta participação é absolutamente impensável naquilo que me concerne e mesmo sendo muito pequena, impossível. Para mim, é para não ser tocado; eu resisto a esta idéia com pavor. Eu vos peço, diga isso a quem de direito e com a maior energia e para sempre. Como, aliás, você tem razão de aconselhá-lo com insistência de abandonar este projeto Nietzsche. (p. 251)

Zweig insiste ainda junto a Freud que novamente vai contra ele a propósito da constituição sexual de Nietzsche dizendo que Nietzsche tinha uma doença grave (carta de 15 de julho de 1934).

No dia 12 de agosto de 1934, Zweig escreve novamente a Freud fazendo-o parte de seu projeto de estudar a fuga na psicose de Nietzsche e ele pede a Freud: “Que devo ler para compreender vossa doutrina da psicose, além do Presidente Schreber, que eu conheço?”

Freud não responde e anuncia seu projeto de trabalho sobre “o homem Moisés, um romance histórico (com mais razão que vosso romance sobre Nietzsche)” para tentar compreender “... porque o judeu se tornou aquilo que ele é e porque ele atraiu para si este ódio eterno.”

Esta troca entre Freud e Arnold Zweig é exemplar de uma política de substituição.

Logo de saída pode-se sublinhar que Freud denomina Arnold Zweig: “Caro mestre Arnold” mas que na prática é ele, Freud, quem orienta, ou em todo caso quem não autoriza certas vias.

Esta via da relação ao semelhante e à loucura é barrada por Freud, e Zweig, como amigo fiel, seguirá Freud no caminho de pesquisas sobre Moisés.

Em sua troca, entre os dois, o terceiro não será Nietzsche, mas Moisés.

Freud et al. (1979) recusará igualmente em maio de 1936 a possibilidade de Zweig tornar-se seu biógrafo:

Não, eu o amo muito para permitir uma tal coisa. Quem se torna biógrafo se obriga a mentir, a dissimular, a embelezar e mesmo a esconder sua própria falta de compreensão, pois não se pode possuir a verdade biográfica e aquele que a possuíse não poderia se servir dela (carta de 31 de maio de 1936). (p. 167)

Este pequeno episódio de trocas epistolares entre Zweig e Freud ilustra justamente esta forma onde uma seqüência pode ser interrompida.

Esta seqüência tomava efetivamente um rumo explosivo uma vez que ela colocava, nem mais nem menos, as descobertas de Freud na seqüência da loucura de Nietzsche e que Arnold Zweig sublinhou igualmente a insuficiência da doutrina de Freud no que concerne à psicose.

Não sem seqüência

O paralelo que será introduzido, entre Lacan tomando a seqüência do enunciado de Bataille sobre a questão do “não saber” e Freud recusando a Zweig de aproximar-se a loucura de Nietzsche, pode se afigurar da seguinte forma:

Os pontos:

Nietzche

Freud

Não saber

E os pontos:

Bataille

Lacan

Não saber

Formam dois triângulos.

O primeiro triângulo ficará fixo enquanto que para o segundo haverá uma colocação em circulação, os três pontos determinando então um círculo. Esta colocação em circulação foi teorizada por Lacan sob a forma da colocação em continuidade das três consistências do nó borromeano (Lacan, 1975).

É, então, por contraste, como na pintura, que os três artigos de Bataille consagrados à Nietzche tomam um relevo particular (Ambrosino et al., 1937; Bataille, 1937, 1939). Ali onde a via estava barrada por Lou e Freud, Bataille sem o saber se engaja.

Lacan, à sua maneira, toma a seqüência.

No curso do verão de 1948 ele fez uma viagem à Suíça com Sylvia. Eles se dirigiram a Sils Maria, ao túmulo de Nietzche. De lá eles enviaram um cartão postal ao Senhor e Senhora Georges Bataille em Vézelay. Este cartão representava a pedra comemorativa sobre a qual está gravada a inscrição:

Oh Mensch!

Gib acht!

Was spricht die tiefe Mitternacht?

*Ich schlief, Ich schlief, MDCCCC.*²⁷

27 Pessoa! Preste atenção!

Bataille com Lacan

No verso do cartão havia uma pequena palavra manuscrita de Sylvia e de Lacan:

Eu mesma fiz a tradução

Sylvia

Mais uma nota filológica

Sobre o poema considerado

Como iguaria.²⁸

J. Lacan²⁹

Essas linhas dão testemunho de uma piscadela cúmplice.³⁰

Seu nome é ninguém

Lacan tratou de duas formas a questão do não saber.

O que diz a profunda madrugada?

Eu dormi, eu dormi, MDCCCC.

28 Em francês *gâteau à la crème* (N. T.).

29 Esta informação me foi amavelmente comunicada por Mr. Norbert Haas que assegurou a tradução dos *Écrits* para o alemão, ela foi publicada depois na *Révue du Littoral*, 38. Paris: EPEL, 1933.

30 Lacan e Bataille tinham uma relação muito concreta com os lugares e com os nomes de lugar. No tempo da sociedade secreta “Acéphale,” o lugar de peregrinação privilegiado de Bataille e Laure era “La Malmaison,” lugar onde Sade queria ser enterrado. Instalando-se em Vézelay, o autor de *La somme Athéologique* levava à incandescência sua relação à mitologia cristã ao mesmo tempo que sua subversão. Lacan fez sua conferência *La chose freudienne* em Viena e, em seu retorno à Freud, ele não Roma, nem Milão.

sobrenome do primeiro autor seguido da expressão “et al.”.

Exemplo de citações de três a cinco autores:

Primeira vez em que os autores aparecem citados no texto:

(Haase, Diniz, & Cruz, 1997) ou Haase, Diniz, e Cruz, 1997

Nas citações seguintes:

(Haase et al., 1997) ou Haase et al. (1997)

OBS.: Nas Referências Bibliográficas (independente do número de autores) mencionar todos os autores na ordem em que aparecem na publicação.

- Em citações de vários autores e uma mesma idéia, deve-se obedecer à ordem alfabética de seus sobrenomes.

Exemplo: (Badaines, 1976; Biller, 1968, 1969) ou Badaines (1976), Biller (1968, 1969)

- No caso de citações de autores com mesmo sobrenome indicar as iniciais dos prenomes abreviados.

Exemplo: (M. M. Oliveira, 1983; V. M. Oliveira, 1984) ou M. M. Oliveira (1983) e V. M. Oliveira (1984)

- No caso de documentos com diferentes datas de publicação e um mesmo autor, cita-se o sobrenome do autor e os anos de publicação em ordem cronológica.

Exemplo: (Merleau-Ponty, 1942, 1960, 1966) ou Merleau-Ponty (1942, 1960, 1966)

- Em citações de documentos com mesma data de publicação e mesmo autor, deve-se acrescentar letras minúsculas após o ano da publicação.

Exemplo: (Rogers, 1973a, 1973b, 1973c) ou Rogers (1973a, 1973b, 1973c)

- Documentos cujo autor é uma entidade coletiva, devem ser citados pelo nome da entidade por extenso, seguido do ano de publicação.

Exemplo: (American Psychological Association, 1994) **ou** American Psychological Association (1994)

3.2 – Citação de informações obtidas através de comunicação pessoal

Acrescentar a informação entre parênteses após a citação.

Exemplo: (Comunicação pessoal, 9 de setembro de 1999)

3.3 – Citação de obras antigas e reeditadas

Citar a data da publicação original seguida da data da edição consultada.

Exemplo: Freud (1898/1976) **ou** (Freud, 1898/1976)

3.4 – Citação textual

Na transcrição literal de um texto, esta deve ser delimitada por aspas duplas, seguida do sobrenome do autor, data e página citada. No caso de citação de trecho com 40 ou mais palavras, este deve ser apresentado em parágrafo próprio sem aspas duplas, iniciando com a linha avançada (equivalente a cinco toques de máquina) e terminando com a margem direita sem recuo.

3.5 – Citação indireta

Na citação indireta, ou seja, aquela cuja idéia é extraída de outra fonte, utilizar a expressão “**citado por**” (no caso do texto em inglês “**as cited in**” e assim por diante):

Exemplo: Para Matos (1990, citado por Bill, 1998) **ou** Para Matos (1990) citado por Bill (1998)

OBS.: Nas referências Bibliográficas mencionar apenas a obra consultada (no caso, Bill, 1998).

3.6- Citação de trabalhos em vias de publicação

Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão “**no prelo.**”

Exemplo: (Sampaio, no prelo) **ou** Sampaio (no prelo)

OBS.: No caso do texto estar redigido em inglês “**in press.**”

4 - Notas de rodapé

As notas apontadas no corpo do texto devem ser indicadas com números seqüenciais, imediatamente após a frase à qual se referem. As notas devem ser apresentadas no rodapé da mesma página. As referências bibliográficas dos autores citados devem ser apresentadas no final do texto.

5 – Referências bibliográficas

Devem ser apresentadas no final do artigo. Sua disposição deve ser em ordem alfabética do último sobrenome do autor e constituir uma lista encabeçada pelo título *Referências Bibliográficas*. No caso de mais de uma obra de um mesmo autor, as referências deverão ser dispostas em ordem cronológica de publicação.

Exemplos de referências bibliográficas:

5.1 – Livro com um autor

Macedo, L. (1994). *Ensaio construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

5.2 – Livro com autoria institucional

American Psychological Association (1994). *Publication manual of the American Psychological Association* (4th ed). Washington, DC: author.

5.3 – Livro com entrada pelo título sem autoria específica

The world of learning (41st ed.). (1991). London: Europa.

5.4 - Livro com indicação de edição

Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (4a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

5.5 Livro com indicação de tradutor

Piaget, J. (1996). *As formas elementares da dialética* (F. M. Luiz, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

5.6 – Livro com indicação da data original

Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. Moura, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945)

5.7 – Livro com indicação de volumes

Carterette, E. C., & Friedman, M. P. (Eds.). (1974-1978). *Handbook of perception* (Vols. 1-10). New York: Academic Press.

5.8 - Capítulo de livro

Chauf, M. (1998). Notas sobre cultura popular. In P. S. Oliveira (Org.), *Metodologia das ciências humanas* (pp. 165-182). São Paulo: Hucitec / UNESP.

Heilman, K. M. (1995). Attention asymmetries. In R. J. Davidson & K. Hugdahl (Eds.), *Brain asymmetry. Chap.4: Attention and learning* (pp. 217-234). Cambridge, MA: The MIT Press.

5.9 - Artigo de revista científica

Haase, V. G., Diniz, L. F. M., & Cruz, M. F. (1997). A estrutura temporal da consciência. *Psicologia USP*, 8 (2), 227-250.

The new health-care lexion. (1993, August/September). *Copy Editor*, 4, 1-2.

5.10 - Artigo de revista científica no prelo

Sampaio, E. C. (no prelo). Produção científica na área da psicologia. *Universidade*.

5.11 – Artigo de jornal

Frayze-Pereira, J. A. (1998, 22 de maio). Arte destrói a comunicação comum e instaura a incomum. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno 5, 24.

5.12 Trabalho de evento publicado em resumos ou anais

Thiers, V. O., Seabra, A. G., Macedo, E. C., Arbex, S. M., Feitosa, M. D., & Capovilla, F. C. (1993). PCS-Comp: Picture Communication Symbols System: Versão computadorizada. In *Resumos de Comunicações Científicas, III Congresso Interno do Núcleo de Pesquisa em Neurociências e Comportamento da Universidade de São Paulo* (p. 15). São Paulo: Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo.

Todman, J., & Lewins, E. (1996). Use of an AAC system for casual conversation. In *Proceedings of the Seventh Biennial Conference of the International Society for Augmentative and Alternative Communication* (pp. 167-168). Vancouver, Canada.

5.13 - Tese ou dissertação

Macedo, E. C. (1994). *Comportamento epistêmico: Uma análise experimental computadorizada*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Granja, E. C. (1995). *Produção científica: Dissertações e teses do IPUSP (1980/1989)*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

6 - Imagens e Ilustrações

Na apresentação de imagens como fotografias, desenhos e gráficos (estritamente necessários à clareza do texto) assinalar, no texto, pelo seu número de ordem, os locais onde deverão ser intercalados. Apresentar imagens de boa qualidade, seja de fotografias, gráficos ou desenhos, com tamanho máximo de 100x150mm, lembrando que a imagem poderá sofrer redução. As imagens originais devem ser enviadas separadas do artigo, ainda que estejam no artigo original, preferencialmente nos formatos “JPEG” ou “GIF” Se as imagens enviadas já tiverem sido publicadas, mencionar a fonte e a permissão para reprodução.